

O organizar ampliado de práticas cotidianas nos bairros da cidade

Simony Rodrigues Marins

Ana Silvia Rocha Ipiranga

INTRODUÇÃO

Cooper em 1976 no seu estudo seminal "*The open field*" definiu a epistemologia de processos como a base para a compreensão de uma ação expressiva e criativa, concebendo-a em um organizar indo além das dimensões estruturais, baseado em relações que se abrem ao envolver um contexto mais amplo. Na ótica de uma ontoepistemologia de processos as organizações são móveis e permeáveis aos objetos e dinâmicas existentes no cotidiano (Cooper & Burrell, 1988; Cooper, 1976).

Dentre estas reflexões, propõem-se as discussões tecidas por diferentes autores reunidas na abordagem conhecida como o retorno das práticas (*practice turn*). Um dos autores proeminentes dessa abordagem é Theodore Schatzki que define a

FAROL

REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

NÚCLEO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE | FACE / UFMG | BELO HORIZONTE | V. 4 | N. 9 | ABRIL | 2017 | ISSN: 2358-6311



prática como um conjunto aberto de ditos e feitos que se desdobram, temporal e espacialmente, em nexos de ações (Schatzki, Cetina & Savigny, 2001; Schatzki, 2002). As práticas são observadas como construtoras de organizações e investigadas segundo diferentes perspectivas no campo dos Estudos Organizacionais. Há linhas defendidas por autores como Feldman e Orlikowski (2011) e Orlikowski (2010) sobre uma epistemologia das práticas, Rache e Chia (2007) articulam análises teóricas sobre a organização das práticas e Dale e Burrell (2008) enfatizam a questão das práticas a partir do espaço organizacional. No contexto brasileiro, sobressaem-se diversos autores como Leite-da-Silva, (2007), Carrieri *et al.* (2008), Figueiredo e Cavedon (2012); Saraiva e Carrieri (2012), Ipiranga (2010), Oliveira e Cavedon (2013), Carrieri *et al.* (2014) que relacionam diferentes tessituras organizacionais em seus vínculos com os espaços praticados, como por exemplo, das cidades, levando às discussões sobre a importância das práticas de espaço na análise organizacional (Dale & Burrell, 2008).

A compreensão dos fenômenos organizacionais pelas práticas constituintes do cotidiano ganha por Michel de Certeau perspectiva teórica na área de Estudos Organizacionais, como pontua Orlikowski (2010). A partir do estudo de Rache e Chia (2007) a abordagem de Michel de Certeau se insere no grupo de autores que analisam as práticas como relacionais e flexíveis. Certeau, Giard e Mayol (2013) põe ênfase nas “maneiras de fazer”, os modos de proceder da criatividade

cotidiana que constituem as práticas, pelas quais os usuários se (re)apropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural (Certeau, 2013). Neste sentido, as práticas são um elo por atuarem nos lugares, espacializando-os através das diferentes formas de estratégias e táticas.

Considerando o objetivo desse estudo e segundo Mayol (2011), o bairro da cidade expressa práticas culturais espontâneas ao se resumir na soma das trajetórias inauguradas a partir do local de habitação, implicando em ações que reorganizam um espaço ampliado à medida dos investimentos dos sujeitos. Tem-se, portanto, o bairro como um lugar, no qual o limite público e privado enquanto estrutura fundadora se constitui como uma separação que une. No contexto dos Estudos Organizacionais, considera-se que as pesquisas que desloquem a atenção para os espaços dos bairros das cidades podem vir a contribuir para a compreensão do organizar ampliado de cotidianos.

Com base nesta discussão, resolveu-se estudar as práticas cotidianas de uma pequena Escola e Produtora de Fotografia, iluminando suas relações ampliadas entre os bairros em que esta transita. A Escola atua na promoção das artes visuais motivada pela disseminação da cultura em seu significado artístico, situando-se nos limiares dos espaços urbanos entre os bairros do Centro e Praia

de Iracema da cidade de Fortaleza no Ceará. Ambos os bairros concentram diversas organizações que desenvolvem atividades artísticas e culturais.

Pelas peculiaridades inerentes às organizações inseridas no campo artístico cultural, o aporte das práticas evidencia-se como pertinente. Isto pois, ao problematizar o organizar ampliado do cotidiano da Escola e suas relações circunvizinhas entre os bairros da cidade como unidade genérica primária de análise (Reckwitz, 2002; Schatzki, 2006), justifica-se ao fomentarmos uma compreensão entre esta organização cultural e a cidade, relação esta defendida por Florida (2012) e Landry (2000) no contexto da economia criativa.

Conforme os trabalhos citados no parágrafo anterior, no Brasil, são ainda escassos os estudos que evidenciaram o organizar das práticas espaciais de vizinhanças de forma a denunciar as especificidades dessas relações no contexto dos Estudos Organizacionais. Segundo levantamento realizado se sobressai a pesquisa de Duarte (2015) sobre as práticas de organizar na indústria criativa relativa a produção de espetáculos de teatro musical. E ainda os estudos, de caráter ensaístico, de Duarte e Alcadipani (2016) e Lemos e Alcadipani (2015) que discutiram as contribuições das práticas do organizar, tendo como foco a abordagem da teoria ator-rede. Assim e considerando os espaços circunvizinhos entre os bairros – da Praia de Iracema e do Centro da cidade de Fortaleza – nos

quais a Escola se insere, propõe-se a seguinte questão de pesquisa: Como ocorre o organizar ampliado das práticas cotidianas de uma Escola e Produtora de Fotografia, em relação ao bairro em que atua? Objetiva-se assim, compreender o organizar ampliado do cotidiano da Escola e Produtora de Fotografia.

A seguir, tem-se uma breve explanação acerca das discussões sobre a epistemologia de processos e do assim chamado retorno da prática (*practice turn*) para em então, adentrar nas discussões sobre as práticas cotidianas à luz de Michel de Certeau. Prossegue-se a delimitação dos caminhos metodológicos da pesquisa, baseado na inspiração etnográfica com o *corpus* empírico constituído a partir da observação participante, anotações no diário de campo, entrevistas em profundidade e relacionais e na composição de acervo documental e imagético. E por fim, apresentam-se os relatos e as interpretações, seguidos das considerações finais.

O RETORNO DAS PRÁTICAS E A ABORDAGEM DAS PRÁTICAS COTIDIANAS DE MICHEL DE CERTEAU

Os estudos que se inserem nas discussões entre a passagem do modernismo para o pós-modernismo configuram diferentes posturas epistemológicas e suposições ontológicas que refletem nas teorias sociais, maneiras do pensar e do fazer organizacional. No seu estudo seminal "*The open field*" Cooper (1976) definiu a

epistemologia de processos como a base para a compreensão de uma ação expressiva e criativa, concebendo-a em um organizar indo além das dimensões estruturais, baseado em relações que se abrem ao envolver um contexto mais amplo. Para Cooper e Burrell (1988) essas questões exigem uma reavaliação do conceito tradicional de organização entendido no modernismo como uma unidade administrativa-econômica circunscrita, bem como das metodologias que as definem. Nesse sentido e considerando o avançar do pós-modernismo as organizações passam a ser vistas como processos, indo além do entendimento prévio do modernismo das organizações como estruturas. Na ótica de uma ontoepistemologia de processos o campo se abre, as organizações são móveis e permeáveis aos objetos e dinâmicas existentes no cotidiano (Cooper & Burrell, 1988; Cooper, 1976), tem-se um momento de redirecionamento nos Estudos Organizacionais (Dellagnelo & Machado-da-Silva, 2000).

Tendo como base os objetivos desse estudo, releva-se o retorno da teoria das práticas que teve como um dos principais expoentes Theodore Schatzki. Apesar da ampla diversidade de perspectivas acerca da prática, estas estão baseadas na crença de que fenômenos tais como o conhecimento, a atividade humana, a ciência, o poder, a linguagem, as instituições sociais e a transformação histórica são aspectos ou componentes e ocorrem dentro do campo das práticas (Schatzki, Cetina & Savigni, 2001).

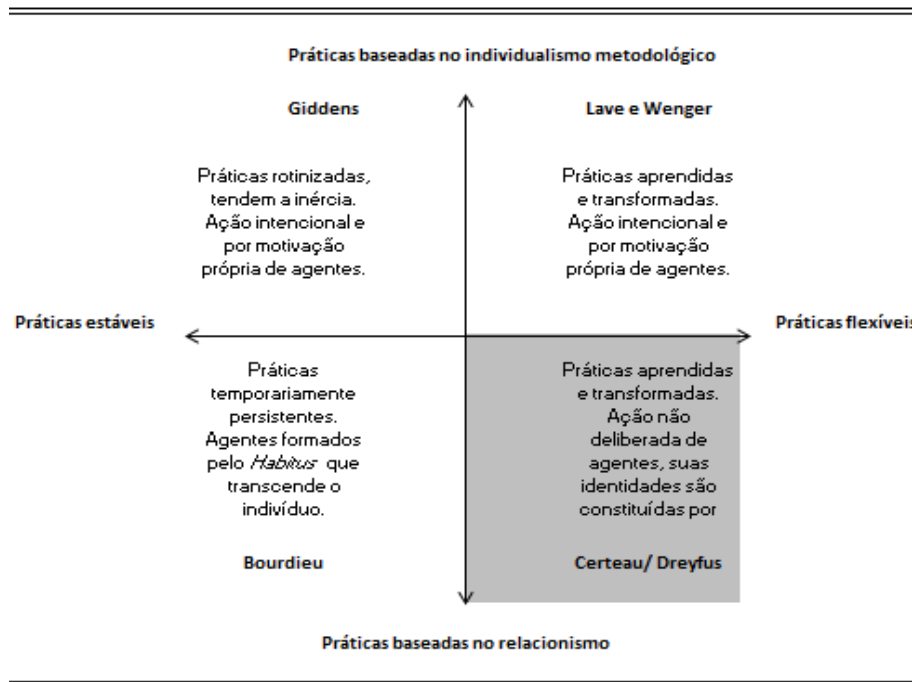
Segundo Schatzki (2006) a teoria da prática traz contribuições decisivas para entendimentos contemporâneos de diversas questões que incluem o significado científico, filosófico e social da atividade humana, da organização, da reprodução e da transformação da vida social. Esta abordagem promulga uma distinta ontologia social, enquanto um campo incorporado de práticas materialmente entrelaçadas, organizado em torno de conhecimentos práticos compartilhados. Essa concepção contrasta com os relatos que privilegia os indivíduos, as (inter)ações, a linguagem e os sistemas de significação, as instituições e suas funções, as estruturas e ou sistemas, definindo o social (Schatzki, Cetina & Savigny, 2001).

Para Schatzki (2002 p. 72-87) as práticas são um conjunto aberto de ditos e feitos que se desdobram, temporal e espacialmente. Em outras palavras, a prática é um “pacote” de atividades que se organiza como um nexo de ações, conseqüentemente, a prática envolve um “bloco” integrado de duas dimensões: atividades e organização. Ao deslocar as ênfases para a questão da abertura e da evolução temporal, o autor esclarece que novas ações estão continuamente a perpetuar e estender as práticas espacialmente. Em relação a dimensão da organização o autor pontua a questão das fronteiras da prática. Esses fazeres e dizeres que pertencem a uma determinada prática, se expressam como componentes da organização da prática, implicando, nesta delimitação de

fronteiras, a sobreposição das práticas. Nesse sentido, as práticas são consideradas fenômenos sociais por que nessas, os participantes imergem em um extenso tecido de convivência que envolvem conjuntos diferentes de pessoas.

Schatzki (2002) esclarece que diferentes autores, incluindo Giddens, Taylor, Bourdieu, Dreyfuss empregam a expressão prática para se referir ao domínio das atividades humanas, estando, contudo, divididos sobre os fenômenos que tal termo designa. Estas discussões também foram retomadas no sentido de auxiliar na compreensão das práticas administrativas, inclusive no âmbito dos Estudos Organizacionais, ao enfatizar como as diversas atividades humanas são desempenhadas no cotidiano das organizações e como estas últimas de fato acontecem (Santos & Alcadipani, 2010). Considerando estas diferentes abordagens e adaptando esta discussão para o campo da Administração, Rache e Chia (2007) esboçaram uma meta-análise problematizando as principais concepções que embasam as diferentes teorias das práticas, conforme figura 1.

Figura 1: Teorias das práticas e suas principais abordagens



Fonte: Adaptado de Rasche e Chia (2007 p. 12).

O primeiro eixo refere-se as “práticas baseadas no individualismo metodológico”, trata da concepção do ser humano como ser consciente, autocontido, intencional e motivado para nortear suas ações. No eixo das “práticas relacionais”, as ações possuem lógicas mediadas culturalmente e imanentes em relação à prática. Nas “práticas estáveis”, tem-se a relação com a institucionalização das práticas na vida social, situadas no tempo e no espaço e com poucas alterações. No eixo das “práticas flexíveis” enfatiza-se a improvisação e o caráter adaptativo, estando essas em constante transformação de acordo com o contexto. Observa-se entre os

eixos das “práticas relacionais” e das “práticas flexíveis” a inserção dos trabalhos de Michel de Certeau, que enfatizam as práticas aprendidas e transformadas a partir das ações deliberadas de seus agentes, teoria esta que será discutida no próximo item (Rache & Chia, 2007).

As práticas cotidianas do bairro e o organizar ampliado

Para Certeau (2013), as práticas são as “maneiras de fazer”, esquemas de operações e manipulações técnicas contidas em um conjunto chamado por ele de procedimentos. O autor examina as práticas cotidianas que articulam as experiências revelando uma oposição entre lugar e espaço que remete, por sua vez, a duas determinações de relatos: i) uma por “objetos”, constitui-se numa “configuração instantânea de posições”. É uma “ordem”, onde estão dispostos elementos de forma “própria e distinta”. No lugar “imperava a lei do próprio”. É um “estar-aí”, e indica “estabilidade”; ii) uma outra por “operações”, atribuições que especificam os espaços pelas ações de sujeitos históricos. Está ligada a uma velocidade, a um tempo, é um “cruzamento de moveis”, pois toma forma pelo conjunto de movimentos que nele se desenvolvem (Certeau, 2013, p. 184). Em suma, entende-se o espaço como “um lugar praticado” (Certeau, 2013, p. 184), como a prática do lugar. Lugares são identificados, espaços são efetuados (Certeau, 2013, p. 186).

Nesse sentido, Giard (2013) sugere concentrar a atenção nos minúsculos espaços de jogos que táticas silenciosas e sutis se insinuam. Para Certeau (2013), a tática é arte de manobrar, depende do tempo e joga com os acontecimentos para aproveitá-los e transformá-los em ocasiões, possibilitando que o fraco tire partido de forças que lhe são estranhas. As táticas formam um campo de operações no qual se produz também uma teoria. Para Giard (2013) a teoria do relato é inseparável de uma teoria das práticas, pois, o relato é a língua das operações. Nesse sentido, os relatos são animados por uma contradição dinâmica que se situa entre a fronteira e a ponte, isto é, entre um espaço (legítimo) e sua exterioridade (estranha), contradição esta compreendida a partir de uma malha de práticas pelas quais os sujeitos se apropriam dos espaços (Certeau, 2013).

Certeau (2013) tece ainda uma diferença entre táticas e estratégias. A estratégia, ao contrário da tática, busca uma visão macro de conjunto e serve de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. Essas duas lógicas da ação constituem as práticas pelas quais os sujeitos se apropriam da organização do espaço pelas técnicas de produção cultural de forma sub-reptícia e criativa. No entanto em vez de se manter no terreno disciplinado das estratégias de uma organização racional, trata-se de distinguir as micro operações locais que se proliferam nestas estruturas sociais e tecnocráticas, alterando a sua organização e funcionamento por uma multiplicidade de táticas articuladas entre os

meandros do cotidiano do espaço vivido (Certeau, 2013). Considera-se, portanto, que alguns caminhos de pensar as práticas cotidianas teriam que pressupor como ponto de partida que estas são do tipo tático, desembocando em uma politização das práticas (Certeau, 2013).

Esses procedimentos contidos nestas maneiras de fazer esboçam as chamadas práticas de espaço, que são manipulações sobre uma ordem construída, desvios relativos do sentido literal criado por exemplo, pelo sistema urbanístico (Certeau, 2013). As práticas de espaço são práticas de sujeitos que buscam propor lugares próprios de atuação, ordens e conjuntamente, outros, denunciando quem são ou não os sujeitos de querer e poder, e sob que circunstâncias em dado cotidiano. Elas apropriam lugares em vista de certos interesses e são, portanto, capazes de denunciar formas organizacionais.

Ainda em relação aos procedimentos das assim chamadas práticas de espaço, Mayol (2011) discute a relação entre o bairro e o espaço privado da moradia. Para o autor, o bairro expressa práticas espontâneas ao se resumir na soma das trajetórias inauguradas a partir do local de habitação, implicando em ações que reorganizam um espaço ampliado à medida dos investimentos dos sujeitos. O bairro surge como um lugar de passagens pelo outro, espaço dialético e existencial entre um fora e um dentro, onde o limite público e privado enquanto

estrutura fundadora se constitui como uma separação que une. No bairro, enquanto um domínio do ambiente social estas relações ampliadas se manifestam pelas diferentes circunvizinhanças (Mayol, 2011). O bairro é marcado pelo engajamento, pela arte de conviver com parceiros ligados pelo fato essencial da proximidade e da repetição, onde as relações manifestam-se nem completamente íntimas, nem completamente anônimas, tratando-se de relações políticas (Mayol, 2011 p. 43). São relações que, em uma porção do espaço público geralmente anônima, o insinua de forma privada e particularizada pelo uso quase cotidiano. Tende-se a exercer assim no bairro, uma apropriação, onde então reúnem-se condições para favorecer o exercício de privatização do espaço público (Mayol, 2011 p. 45).

Para Mayol (2011) a prática do bairro depende de uma tática que tem por lugar apenas o lugar do outro, já que o que o usuário ganha quando sabe “possuir” seu bairro, não é contabilizável em uma troca baseada em relações de força. Tem-se um costume que é a maneira de fazer quando além, o usuário verifica a “intensidade da sua inserção no ambiente social” (Mayol, 2011 p. 45). Nesse contexto, se dão as práticas de espaços ampliados a partir das ações do usuário do bairro e o seu bairro, por relações práticas de circunvizinhanças.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa tem como objetivo compreender o organizar ampliado do cotidiano de uma Escola e Produtora de Fotografia. Os caminhos metodológicos foram trilhados tendo como base um estudo de inspiração etnográfica com o escopo de responder a seguinte questão: Como ocorre o organizar ampliado das práticas cotidianas de uma Escola e Produtora de Fotografia, em relação ao bairro em que atua?

A participação em campo ocorreu pela presença de uma das pesquisadoras deste estudo. Segundo Peirano (2006) a produção antropológica contemporânea encontra abrigo em diversos lugares se caracterizando pela “multilocalização” (*multi-sited*) da disciplina. E nesse sentido, “os estudos de inspiração etnográfica deixam de ser antropologia” (Peirano, 2006 p. 33) ao se basearem em um esforço de pesquisadores não especializados na Antropologia. A inspiração etnográfica mostrou-se pertinente em vista da amplitude das relações espaciais que deveriam ser reveladas e do tempo de permanência em campo.

O estudo de campo envolveu uma pequena Escola e Produtora de Fotografia e suas relações circunvizinhas entre os bairros do Centro e da Praia de Iracema da cidade de Fortaleza no Ceará. Os acessos e a permanência no campo aconteceram



entre julho 2014 a janeiro de 2015, frequentando de três a quatro dias por semana, entre 4 a 5 horas por dia, atuando a pesquisadora de campo como aluna dos cursos de fotografia e em outras atividades de pesquisa como na experiência observacional e na realização de entrevistas em profundidade e relacionais. Os informantes das entrevistas em profundidade foram os sujeitos envolvidos na Escola, dentre os quais: o gestor principal e proprietário da Escola (com formação superior e pós-graduação em fotografia concluída em uma universidade europeia), a assistente do gestor e dois professores do curso de fotografia, todos com estudos superiores concluídos. Foram ainda entrevistados de acordo com a abordagem relacional (Spink, 2004) diversos alunos do curso de fotografia, do qual uma das autoras desse artigo participava, e outros vários sujeitos presentes nos espaços das ruas e dos bairros visitados durante os procedimentos da etnografia de rua (Eckert & Rocha, 2003).

A etnografia de rua tem como objetivo compreender as especificidades da vida urbana e de que modo os fenômenos socioculturais são produzidos, reproduzidos e vivenciados na vida cotidiana (Eckert & Rocha, 2003). No decorrer da etnografia de rua foram visitados os espaços, envolvendo a rua e os bairros circunvizinhos nos quais a Escola se insere. Durante esses procedimentos foram realizadas as observações, compiladas as notas e construídos os relatos de espaços da Escola e de suas circunvizinhanças no diário de campo. Para Certeau (2013, p. 182) os

relatos de espaços atravessam e organizam lugares, são percursos de espaços e produzem geografias de ações. Depreende-se que a narrativa das práticas cotidianas seria uma maneira de fazer textual, com seus procedimentos, estratégias e táticas próprias (Certeau, 2013, p. 182; 184). Para isso, Certeau (2013) propõem escolher uma prática que seja observadora e engajada e determinar a partir daí o seu conjunto. Dessa forma, foram identificados os espaços, momentos e lugares emblemáticos tanto da Escola como em suas circunvizinhanças, envolvendo os bairros no qual se insere, tecendo, em seguida, os relatos sobre as práticas espaciais observadas.

Certeau (2013) sinaliza ainda a necessidade de se criar critérios e categorias de análise na identificação das combinações das diferentes operações. Nesse sentido, o papel do relato é fazer um mapeamento dinâmico do espaço e de suas malhas de práticas apropriadas pelos sujeitos. Construiu-se, portanto, uma tipologia de relatos, em termos de identificação de lugares e de efetuações de espaços para a composição do *corpus* (Certeau, 2013, p. 182; 186).

Para auxiliar a composição desses relatos e durante a etnografia realizada se propôs fazer uso de técnicas imagéticas como a fotografia (Bell & Davison, 2013). Achutti (2004) ao defender que a fotoetnografia pode substituir a prática da escrita, considerou que “fotografar não é apenas refletir a realidade é também

reflexionar sobre ela e nela refletir-se” (Achutti, 2004 p. 71). As fotografias, enquanto elementos formativos da vida social (Caufield, 1996) foram utilizadas como técnica de documentação e como parte integrante do texto escrito. Nesse sentido, foi composto um acervo de centenas de fotografias obtidas durante o período de imersão no contexto da Escola e durante a fase da etnografia de rua. Conforme será descrito mais adiante, o acervo imagético foi organizado de acordo com as tipologias de relatos construídas.

Além disso, foram utilizadas, segundo Bauer e Gaskell (2002), as seguintes técnicas como auxiliares para a construção do *corpus* empírico: levantamentos histórico-documentais (Cavedon, 2003) e em fontes bibliográficas (reportagens, publicações em livros e artigos, materiais concedidos pela organização – apostila do curso) e virtuais (sites e redes sociais onde os alunos e professores da Escola compartilham informações).

Por fim, foram produzidas diferentes tipos de descrições e relatos, como por exemplo, as “ações narrativas” (Certeau, 2013) que possibilitaram precisar formas elementares das práticas circunvizinhas organizadoras dos espaços, entre estas: as físicas, culturais e funcionais. Esta tipologia foi construída a partir dos procedimentos interpretativos, tendo como base o confronto entre a teoria

referenciada e o conjunto de informações empíricas e contextuais reunidas durante a pesquisa de campo.

DESCRIÇÕES E DISCUSSÕES

Tendo como base as ações narrativas construídas (Certeau, 2013) nas próximas duas sessões serão articuladas em primeiro momento, a história acerca da fundação da Escola e de seus bairros circunvizinhos. Em um segundo momento serão descritos e discutidos os relatos acerca do organizar ampliado das práticas de espaços circunvizinhos a partir do habitáculo da Escola.

Breve relato histórico da Escola e de seus bairros circunvizinhos

A cidade de Fortaleza, segundo Cavalcante (2002), se resumiu aos bairros circunscritos no Centro por mais de cem anos. Um dos bairros circunvizinhos do Centro da cidade, a Praia de Iracema, originalmente possuía utilização como lugar de moradia e lazer de classes média e alta (Barreira, 2007). Com o tempo, enquanto o Centro abrigava atividades comerciais, os espaços litorâneos, redutos de pesca, passam a servir de lugares de exportação e possuíam características típicas dos lugares portuários: galpões, armazéns e comércio atacadista de suporte à atividade portuária. Isto perdurou até que as atividades portuárias fossem transferidas para a enseada do Mucuripe, o que gerou desde a



desarticulação ambiental às novas alterações nas sociabilidades desses lugares (Barreira, 2007).

Por meados do século XX, o bairro Praia de Iracema começa a receber frequentadores que contribuíram para a construção da identidade vinculada as práticas culturais alternativas, criando-se um reduto da boemia (Schramm, 2001; Barreira, 2007; Fontenele, 2013). Algo aprimorado no regime militar, quando o lugar passa a ser apropriado por grupos com ideais de resistência, intelectuais e artistas de então (Fortaleza Nobre, 2014). Com o passar do tempo e novas transformações, esses lugares do bairro foram atribuídos como decadentes e enquanto isto, a cidade sofria forte expansão em direção oeste. Por seu turno, o Centro Administrativo do Cambéba transfere a maior parte dos serviços públicos reforçando a “perda de centralidade” (Botelho, 2005 p. 63). Na Praia de Iracema, as atividades advindas do turismo contribuíam para a alteração dos espaços do bairro, firmando a imagem de bairro boêmio e passando o mesmo a ser reconhecido como Patrimônio Histórico e Cultural, sendo estabelecida por lei a Zona de Renovação Urbanística, uma forma de “compatibilizar o uso residencial e de lazer na área” e tentar “deter o processo de verticalização” (Fontenele, 2013 p. 4). Com a inserção do Centro Cultural Dragão do Mar na década de 90, novas dinâmicas e discussões se instauraram nas circunvizinhanças desses espaços. A malha de lugares que envolve os espaços circunscritos entre os bairros do Centro

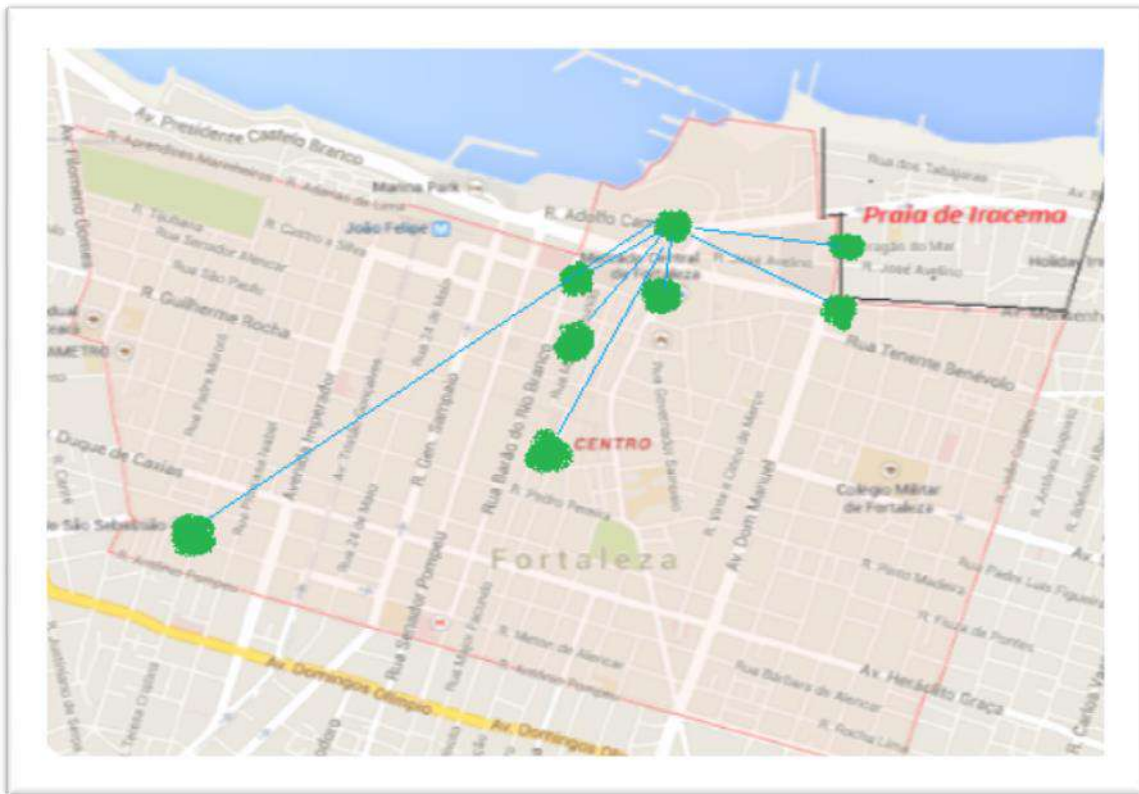
e Praia de Iracema, por volta do ano 2000, caracterizava-se através de vários pontos de degradação, com bares típicos fechados, pontos turísticos sem iluminação e novas boates e casas de show (Fortaleza Nobre, 2014). Coloca-se como fator de degradação o abandono de órgãos públicos e também da população ao lugar, controlado por uma exploração turística de má fé de novos proprietários, portanto, sem controle, vindo a oportunizar a exploração sexual e a venda e consumo de drogas. Passa a ocorrer a necessidade de “controle social” desses espaços da cidade (Barreira, 2007).

Segundo Botelho (2005), no cenário atual, antigos (e raros) habitantes foram deslocados e os usos dos espaços foram redefinidos. Tem-se assim, transformações significativas na dinâmica espacial destes bairros e de seus lugares, em vista das atividades econômicas de então, seguidas de ressignificações nas paisagens destas localidades, com a construção de estruturas que serviam ao comércio e atividades portuárias, e sua degradação com deslocamentos de pessoas e atividades.

São nestes bairros circunvizinhos ao Centro da cidade de Fortaleza que a Escola e Produtora de Fotografia de aproximadamente cinco anos de existência, se insere por motivos relacionados às características urbanísticas dos bairros, segundo o principal gestor da Escola, pelo imóvel pertencer aos membros da família como

outros galpões daquela localidade, utilizados em regime de locação e, ainda, pelo fator resistência ali característico. Considerando este contexto urbano, a figura 2 delinea a soma das trajetórias percorridas, por mim pesquisadora, pelos bairros – Centro e Praia de Iracema – a partir do habitáculo da Escola.

Figura 2: Mapeamento das trajetórias que delinham os espaços ampliados percorridos



Fonte: Elaboração própria a partir de *Google Maps*.

Em relato, o gestor conta que “artistas geralmente gostam e procuram espaços *undergrounds*” e “em Fortaleza está muito fortemente caracterizado no Centro e Praia de Iracema”, como lugares de “muita história e cultura”, ou “espaço de resistência cultural” (Gestor, 2014) [Notas de campo, outubro de 2014].

Assim, durante as caminhadas realizadas pelos bairros estudados do Centro e da Praia de Iracema observou-se a considerável instalação de pequenos negócios de arte, cultura e entretenimento com motivações de “revitalização” ou “requalificação” na tentativa de ocupar ou “ressignificar” lugares de forma a resgatar o entorno circunvizinho, transformando-o em “corredores culturais”. Observou-se ainda a existência de um conjunto de práticas colocadas em ato por diferentes sujeitos que se apropriaram de espaços mistos, tornando contíguos os espaços entre os bairros da cidade e o habitáculo da Escola. A seguir, articula-se uma discussão acerca das “ações narrativas” que possibilitaram delinear formas elementares das práticas organizadoras desses espaços ampliados (Certeau, 2013).

O organizar ampliado das práticas de espaços circunvizinhos à Escola

As relações ampliadas se manifestaram através das diferentes circunvizinhanças espaciais inauguradas a partir do habitáculo da Escola e à medida dos investimentos dos sujeitos participantes da pesquisa (Certeau, 2013; Mayol, 2011). Conforme anteriormente citado, procedeu-se a um mapeamento dinâmico dos espaços da Escola e entre os bairros nos quais se insere. Após, construiu-se uma tipologia de relatos, foram identificadas malhas de práticas organizadoras dos espaços circunvizinhos (entre estas, as físicas, culturais e funcionais) articulando-se, em seguida, uma discussão sobre o organizar dessas práticas de espaços. A Figura 3 a seguir apresenta uma síntese do organizar das práticas de espaços circunvizinhos identificadas que serão discutidas nos próximos itens.

Figura 3: Síntese do organizar das práticas de espaços circunvizinhos

	Práticas cotidianas		Lugares ampliados
Circunvizinhanças físicas	- Práticas de Segurança	- Práticas de Trabalhos Sociais	- A Escola e as práticas de espaços ampliados na rua
Circunvizinhança cultural	- Práticas de aprendizagem (Fotopasseios)	- Práticas de exposição artística	- A Escola e as práticas de espaços culturais ampliados nos bairros circunvizinhos
Circunvizinhança funcional	- Práticas de Negociações de Compras e Fornecimentos		- A Escola e as práticas de espaços comerciais ampliados nos bairros do Centro

Fonte: Informações empíricas da pesquisa.

Circunvizinhanças físicas: práticas de “segurança” e de “trabalhos sociais” ampliando os espaços da Escola

As circunvizinhanças físicas envolvem os espaços mapeados a partir das trajetórias, por nós percorridas, através dos espaços da Escola, da sua rua e entre os bairros que a Escola se insere. Durante estas caminhadas percebemos um organizar ampliado por meio da identificação de uma malha de práticas, dentre estas citamos as práticas de “segurança” e de “trabalhos sociais”, conforme descritas a seguir.

As circunvizinhanças da rua onde se insere a Escola são habitadas por um morador artista em sua casa-ateliê e, ainda, um incontável “outros” “moradores da/de rua”. Mapeando ainda a ocupação física, a rua é mais a frente, lugar de um espaço de eventos, uma casa de shows e festas tradicional em Fortaleza e espacializada em direção oposta por ONGs que trabalham com reciclagem de materiais, motivo este de estar presente naquela rua as pessoas atuantes como “catadores” e caminhões de coleta.

Figura 4: A rua do bairro e seus sujeitos



Fonte: Arquivo pessoal.

Alguns elementos que nós observamos durante a etnografia de rua sugeriram espaços da rua da Escola aparentemente inseguros. Esta rua está próxima a um extenso bairro periférico da cidade de Fortaleza – o bairro Pirambu – considerado “perigoso”. Há ainda sujeitos informados como usuários de drogas passeando pelas circunvizinhanças da rua, além de passantes escolares, adolescentes que aparentam estar no ensino médio e andam com seus cadernos à vista. Assim, o perfil diversificado de sujeitos que frequentam a rua, confrontada com certa aparência de abandono de alguns lugares da rua, além das informações prévias recebidas, geraram sensação de insegurança durante a pesquisa de campo. Esta sensação de insegurança foi corroborada pelo cotidiano vivenciado, pelo observado pelas falas coletadas durante a etnografia de rua e

pela identificação de práticas organizadas pela Escola, ditos e feitos que se desdobraram em nexos de ações, na tentativa de garantir a segurança para os usuários da Escola (Schatzki, 2006; 2002).

Ao ser questionado sobre a segurança da rua onde localiza-se a Escola, um dos professores, em entrevista, narrou: “Fortaleza é toda insegura”, mas estas ruas desse bairro da Praia de Iracema, especificamente, oferecem uma resistência pelas apropriações dos artistas em uma tentativa de requalificação dos lugares. Há um interesse cultural e um engajamento político também na escolha do lugar da Escola (Notas de campo, 2014). Nesse sentido, outros grupos que se apresentam na rua são os sujeitos da Escola, com diferentes tipos de uso deste lugar, com diferentes traduções em espacialidades. Observou-se, portanto, uma cotidianidade ampliada entre os espaços diversificados da Escola e da sua rua com a construção de específicas práticas de “segurança”.

Estes espaços circunvizinhos observados, por suas formas de usos e apropriações aparentam ser lugares ignorados pelas técnicas do tipo estratégias de produção sociocultural, a partir de Certeau (2013), um não-espço para a ordem racional que seleciona lugares de produção na cidade Fortaleza. Torna-se para estes lugares sem uso e, portanto, possibilitando diferentes apropriações, implicando

em ações que reorganizam um espaço ampliado à medida dos investimentos dos sujeitos que ali convivem (Certeau, 2013).

Nestas circunvizinhanças identificamos uma malha de práticas do tipo táticas e estratégias concomitantes que se desenvolve nos espaços públicos da rua a partir da ampliação do habitáculo onde funciona a Escola, ou seja, do espaço privado da moradia (Certeau, 2013; Mayol, 2011). Em relatos sobre a fundação da Escola, o principal gestor narra que ele construiu relações específicas com os sujeitos e outras organizações ali presentes nas circunvizinhanças da rua, como os moradores na/de rua e outros usuários, entre estes, os catadores das ONGs de reciclagem. Estas ações narrativas nos revelam que a rua da Escola surge como um lugar de passagens pelo outro, onde o limite público e privado se constitui como uma separação que une, resultando nas relações ampliadas que se manifestam a partir dessas circunvizinhanças. Esse organizar ampliado se baseia em uma malha de práticas que apropriaram espaços e construíram pontes entre as fronteiras legítimas dos espaços da Escola e as exterioridades estranhas da rua na qual a Escola se insere (Certeau, 2013).

Foram identificadas práticas referentes, por exemplo, a manutenção da limpeza da rua, que hora ou outra servia de depósito irregular de lixo, assim como, um conjunto de práticas relativas aos “trabalhos sociais”, entre estas, relevam-se as

seguintes ações sobrepostas colocadas em ato a partir do lugar de habitação da Escola: i) a construção de um banco na calçada da rua, exatamente no lugar utilizado como depósito irregular de lixo, à frente da Escola, que passou a ser apropriado pelos trabalhadores usuários da rua nas horas de descanso; ii) o oferecimento de alimentos ou bebidas para os moradores e trabalhadores da rua em momentos de eventos da Escola, iii) a contratação de serviços dos usuários da rua, não pertencentes à Escola, com o objetivo de limpeza, pequenas reformas e ou transporte de mercadorias; iv) as práticas estabelecidas para o organizar dos estacionamentos de rua por ocasião da realização de eventos entre a Escola e as ONGs vizinhas, etc.

No tecer destas práticas do tipo táticas, o gestor da Escola manobra e joga com os acontecimentos, transformando-os em ocasiões (Certeau, 2013) ao intervir nos espaços públicos da rua, construindo bancos e oferecendo ocupação informal aos sujeitos moradores de/ da rua, o que é possibilitado pelo “estar-ai” destes sujeitos (Certeau, 2013). Concomitantemente, estas práticas foram identificadas como estratégicas ao buscar uma visão macro de conjunto e servindo de base a uma gestão das relações com uma exterioridade distinta. Com isto, identificou-se um conjunto aberto de práticas que se organizam como nexos de ações táticas e estratégicas, tecidas nos espaços da rua circunvizinhos à Escola e a partir do

investimento dos sujeitos envolvidos nesta cotidianidade (Schatzki, 2002; Certeau, 2013).

Além disso, as ações do gestor da Escola se perpetuaram ao se estenderem nos espaços dos bairros, criando nexos com novas ações, de cunho social, com outros diferentes sujeitos que convivem nestas circunvizinhanças, entre estes, o hospital Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza, as ONGs de reciclagem e a tradicional casa de shows e festas. A partir da Escola, essas ações atuaram no organizar dos espaços do bairro, diluindo fronteiras a partir de novas sobreposições de diferentes práticas, entre estas: i) doação e distribuição de alimentos à noite para os moradores de rua; ii) oferta de ocupações esporádicas com garantias financeiras. Infere-se nestas práticas diferentes estilos de ação, formas de uso ou estilos de uso, constituindo-se nestas astúcias o organizar que transcende o habitáculo da Escola (Certeau, 2013).

Há um “jeito” característico na figura do principal sujeito – o gestor - que proporciona a efetivação destas negociações, ampliando os espaços da Escola e transformando-os em lugares praticados circunvizinhos (Mayol, 2011). Este organizar ampliado de práticas de espaços das circunvizinhanças físicas da Escola conotaram diferentes significados. Além da conotação referente ao sentido do “social” dessas práticas, estas emergiram como produzidas também pela

necessidade de manter a “segurança” de usuários da Escola, refletindo-se na própria sobrevivência da Escola entre estes diferentes espaços cotidianos. Enfatizamos que estas práticas de espaços denotam a atuação de um organizar ampliado, em práticas que não seriam, *a priori*, responsabilidades funcionais da Escola, mas que se tornaram estratégicas ao contribuir para a segurança da Escola a partir de um controle social relativo as circunvizinhanças na rua do bairro. Estas práticas de espaço instauraram um estilo de convivência, sendo identificadas como táticas em relação ao espaço público da rua ao considerarmos a ausência de instituições de poder estratégico da segurança pública e estratégicas em relação à própria sobrevivência da Escola. São metamorfoses da ordem dominante, “faziam-na funcionar em outro registro (...). Modificavam-no sem deixá-lo. Procedimentos que conservam a sua diferença no próprio espaço organizado pelo usuário (Certeau, 2013, p. 89). Estas práticas traduzem “lapsos da visibilidade”, reintroduzem as opacidades da história na medida que trazem à tona conflitos sociais (Certeau, 2013, p. 160).

Relevamos, portanto, que estas práticas são do tipo táticas ao serem constantemente reafirmadas no dia a dia, dependem de um tempo, de uma ocasião, elas utilizam, manipulam e alteram o espaço, não chegando a produzi-lo, mapeá-lo ou a impor-se. A Escola não chega a criar ou possuir um poder, ou a instituir um espaço que garanta a segurança de todos constantemente, ela

apenas joga de forma astuciosa, dependendo e criando ocasiões. Se fossem sujeitos de práticas estratégicas, poderiam efetivar uma apropriação de diferentes maneiras, com transformações espaciais conotadas por institucionalidades públicas. Poderiam articular “obras urbanas” de maior magnitude, assegurar uma atuação de segurança institucional, etc. As práticas organizadas pela Escola e o conjunto de sujeitos envolvidos a partir do bairro, se dão ao nível micro, configurando um jogo, conotando uma ordem transgressora. São contratos de compatibilidade e compromissos temporários (Certeau, 2013).

Fazendo uma analogia com a fotografia, um dos grandes pontos citados em palestras ou nas aulas que participamos na Escola, principalmente quando o tema da aula eram os Retratos (ou *Portraits*), é a necessidade do fotógrafo estabelecer relações, ou melhor, a “troca” com o objeto a ser fotografado, caso contrário não há como resultado um retrato e sim uma foto roubada. A troca ou a relação com o sujeito a ser retratado é o elo para se conseguir fotos íntimas, mais fiéis na narrativa visual que se pretende esboçar. Este jogo silencioso se evidenciou durante as imersões etnográficas como o elo do tipo tático das práticas organizadoras dos espaços circunvizinhos que caracterizaram o organizar ampliado a partir do habitáculo da Escola e que garantiram ao mesmo tempo sua segurança e um sentimento de contribuição social.

Cabe, porém, uma consideração com relação as práticas de trabalhos sociais. Neste caso, a Escola é possuidora de bens ou pode conseguir em vista de relações, bens doáveis, se achando na posição de doadora. Esta coloca-se como possuidora, sendo o outro, aquele que recebe a doação. Neste sentido, a Escola instauraria uma ordem estratégica, tem um lugar próprio de atuação. Tratar-se-ia de uma estratégia que não negligencia o benefício simbólico por ela percebido na condição de doadora, mas que contribui, ao mesmo tempo, para o organizar dos espaços circunvizinhos, caracterizando a organização ampliada.

Observa-se que a Escola possui uma postura mais reativa quando se fala em trabalhos sociais e mais defensiva quando se fala em segurança. No entanto, há nesta análise a necessidade de observação do confronto entre duas maneiras de fazer concomitantes: uma parece estar orientada por práticas com valores substantivos, inerentes à razão substantiva; e ações orientadas pela racionalidade formal, com um cálculo utilitário de consequências. Embora exista um utilitarismo ele é praticado sob condições de submissão a uma ordem.

Ambas, porém, atuam no sentido de resguardar a Escola certa segurança e a conquista de um reconhecimento no lugar. São formas de se apropriar, de instaurar um lugar no outro, são formas táticas e a mesmo tempo estratégias que tentam uma margem ampliada de espacialização do organizar. Tem-se assim

uma malha de práticas entre as de Segurança e as de Trabalhos Sociais, que se sobrepõem, imbricam-se e se desdobram, temporal e espacialmente, estendendo o tecido social de convivências nos bairros e mascarando as fronteiras do organizar (Schatzki, 2002; 2001).

Circunvizinhança cultural nos bairros: práticas de “aprendizagem” e de “exposição artística” na ampliação do habitáculo da Escola

Para Mayol (2011) a prática do bairro depende de um costume, de uma tática, ao ser este marcado pelo engajamento, pela arte de conviver com parceiros ligados essencialmente pela proximidade e pela repetição. Conforme anteriormente descrito, a Escola se engaja em um extenso tecido de convivência com os sujeitos presentes nos bairros circunvizinhos do Centro e da Praia de Iracema, como centros culturais, museus e espaços para eventos ali localizados. Essas relações de circunvizinhanças organizam diversas atividades artísticas e culturais, assim como de compras e fornecimento, como serão descritas no próximo item, que ampliam os espaços e unem as fronteiras entre este público e o espaço privado da Escola (Mayol, 2011).

Dentre as práticas culturais, identificamos as práticas de exposições artísticas e de aprendizagem da fotografia que se organizam a partir de nexos de ações se

espalhando pelos bairros envolvidos. Em relação a prática de aprendizagem da fotografia são desenvolvidas as ações relativas as “aulas práticas”, os chamados “Fotopasseios”, ou os “Rolés fotográficos” que se caracterizam como eventos / aulas “de fotografia fora do ambiente da Escola”, nos espaços externos e circunvizinhos à Escola. Os fotopasseios ocorrem geralmente em outros lugares, além da Escola, inaugurando diferentes trajetórias pelos bairros circunvizinhos como o Mercado Central, o Mercado São Sebastião e nas Praças do Ferreira e do Passeio Público.

Figura 5: As práticas dos fotopasseios nas circunvizinhanças cultural



Fonte: Arquivo pessoal.

Observamos um caráter tático neste tipo de apropriação dos espaços. Nesta prática do fotopasseio, nós os estudantes, apropriamos espaços incomuns em nosso

dia a dia, no sentido que, estes espaços, vão além do habitáculo da Escola. São novos usos em espaços públicos que se unem ao nosso espaço privado, conformando diferentes práticas de aprendizagens da arte da fotografia e ampliando o organizar do cotidiano da Escola (Mayol, 2011). As praças dos bairros, como espaços de lazer, descanso ou fruição, lugares de passagem, ganham uma conformação ampliada ao serem apropriadas pela prática da aprendizagem fotográfica pois deixam de ser apenas um “estar-ai” para um “ser-ai” (Certeau, 2013). Eu, no papel de pesquisadora de campo e enquanto estudante do curso de fotografia da Escola, desenvolvi afetivamente e curiosamente uma sensação de um uso tático dos espaços. Como uma outra “ordem” presente na cidade, principalmente naquela centralidade, de insegurança física, para mim, desenvolver aquelas atividades de fotografia naqueles espaços tratava-se de um ato tático de resistência.

O discurso do professor da Escola era: “Fiquem tranquilos, estaremos juntos e são lugares onde é possível fotografar, são seguros, já estamos lá fazendo isto há muito tempo” (Notas de campo, 2014). O costume de estar há muito tempo ali, nas praças dos bairros, praticando as atividades dos fotopasseios, marca o engajamento e a convivência entre parceiros ligados pela proximidade espacial e pelas ações repetidas no tempo, possibilitando a construção de pontes entre o público e o privado (Mayol, 2011). “Ah, é o pessoal do curso de fotografia” (Notas de

campo, 2014), diziam os trabalhadores do Mercado São Sebastião. Espaços ampliados de uso frequente, a ponto de nestes, a Escola, ser já identificada e legitimada pelo público. No meu atuar nos fotopasseios, percebi uma atmosfera que espantava a sensação de insegurança e estava repleta de possibilidades, de criatividade, de usos dos espaços e de aprendizagens. Eram práticas astuciosas ao confrontar cotidianos além do habitáculo da escola, a normalidade de visões e imposições, jogos de sensibilidade, golpes no cotidiano, operações de caça ao intimismo dos lugares, de encontro de espaços. Os fotopasseios instauram-se como práticas táticas no que tangem ao espaço público. O fotografar na cidade é se apropriar dela, semelhante à prática do caminhar. O traço, deixado, no entanto, pode ser visto por outros sujeitos na permanência da imagem fotográfica. Nesta permanência há novas formas de apropriação dos espaços, sugeridas pelo organizar de práticas dos sujeitos em suas interpretações particulares dos modos de ver e viver a cidade.

Da mesma forma, as práticas de exposição artística são desenvolvidas em lugares diversificados, indo além dos muros da Escola, como nos museus, centros culturais ou ainda em diferentes pedaços urbanos dos bairros envolvidos. São momentos de exposição, de discussões de ideias e de práticas do pensar a fotografia como arte ou instrumento de transformação social e urbana. Estes espaços permeados pelo jogo de interações se transformam em ocasiões de

aprendizagens, reaparece o elo tático das trocas ao alterar o organizar da Escola entre os meandros do cotidiano a partir dos diferentes espaços vividos (Giard, 2013; Certeau, 2013).

A Escola tem sido reconhecida como produtora de fotografia na cidade de Fortaleza, foi premiada por uma importante revista internacional de fotografia. Este evento confere a ela maiores possibilidades no cenário da arte fotográfica na cidade. Ela tem conseguido estabelecer um “próprio” e, por conseguinte, este próprio serve de base a uma estratégia para guiar suas relações com uma exterioridade distinta. Em consequência, percebemos o seu organizar ampliado ao atuar em espaços diferenciados e fortemente disputados no que tange a realização da prática de exposições artísticas. Essas duas lógicas da ação – táticas e estratégias - organizam as práticas pelas quais os diversos sujeitos, entre estes nós os estudantes da arte da fotografia, se apropriam dos espaços dos bairros circunvizinhos ao habitáculo da Escola (Certeau, 2013).

Circunvizinhança funcional: práticas ampliadas de “compras e fornecimento” entre a Escola e os outros sujeitos nos bairros

A circunvizinhança funcional se refere às práticas de compras e fornecimento observadas durante a soma das trajetórias percorridas a partir do lugar da



Escola em relação aos outros sujeitos, como os comerciantes das pequenas lojas situadas entre os bairros (Mayol, 2011). Estas práticas de compras e fornecimento se organizam pela necessidade de trocas específicas, relativas as compras de produtos, equipamentos e insumos necessários ao funcionamento da Escola. A Escola desempenha relações com diferentes sujeitos, entre estes seus fornecedores, conformando práticas funcionais cotidianas para adquirir materiais para obras, consertos de equipamentos específicos, compras de alimentos etc. Estes sujeitos fornecedores estão espalhados nos espaços do bairro Centro, fragmentados em diversos lugares, dos quais alguns, pude visitar em companhia com o gestor. Esta circunvizinhança funcional é composta pelas práticas organizadoras da Escola em relação as ações dos fornecedores, como os pequenos e médios negócios de materiais de construção e as lojas de equipamentos fotográficos, conformando os espaços ampliados nas circunvizinhanças do bairro envolvido (Certeau, 2013).

Figura 6: Circunvizinhança funcional



Fonte: Arquivo pessoal.

Durante as visitas e observações compiladas nos cadernos de campo sobre estes espaços, o destaque para as maneiras de se portar do principal gestor foi evidenciado. Seu “jeito” de negociar, de correr atrás de preços, de jogar com o corpo orienta o relacionar-se com estes sujeitos, caracterizando a ampliação do seu estilo de organizar para além do habitáculo da Escola. “A gente tem que correr atrás de preço, porque entra difícil e sai fácil” (Gestor, Entrevista, 2014). O “entrar difícil” é o trabalho e o “sair fácil” é o valor dos produtos e a frequência com que se gasta e se investe.

Observou-se um intenso investimento relacional entre os sujeitos, entre os comerciantes e o gestor da Escola, com suas maneiras de fazer, jogando com a ordem constituída na negociação tática de valores, delineando práticas alternativas de compras e fornecimento. Estas ações narrativas observadas trazem marcas de sujeitos, caracterizando-se como fluxos de interações descontínuas e de sociabilidades conflitivas. São lugares de compras e fornecimento onde são estabelecidas práticas relacionais e comerciais, funcionais, econômicas que traduzem espacialmente uma Escola negociante com a sua circunvizinhança (Certeau, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, inspirada no método etnográfico e tendo como principal base teórica a abordagem das práticas cotidianas de Michel de Certeau, problematizou o organizar ampliado do cotidiano de uma Escola e Produtora de Fotografia, situada na cidade de Fortaleza.

Considerou-se que os bairros adjacentes à Escola expressam práticas espontâneas e se resumem na soma das trajetórias circunvizinhas percorridas pelos sujeitos a partir da Escola. Nesse sentido, procedeu-se a um mapeamento dinâmico dos espaços da Escola e dos bairros nos quais a Escola se insere. Durante

as caminhadas, entre a Escola e os seus espaços apropriados nos bairros nos quais transita, foram identificadas uma malha de práticas organizadora dos espaços circunvizinhos de caráter físico, cultural e funcional, entre estas: as práticas de segurança e trabalhos sociais (circunvizinhança física), práticas de aprendizagem e exposição artística (circunvizinhança cultural) e práticas de compras e fornecimento (circunvizinhança funcional).

Estas práticas identificadas apropriaram espaços e construíram pontes entre as fronteiras legítimas dos espaços da Escola e as exterioridades estranhas da rua e dos bairros entre os quais a Escola se insere. Este transitar caracterizou um traço impreciso entre estas fronteiras, espaços mistos que se unem, através das passagens pelo outro, tornando contíguos os espaços públicos da rua e dos bairros a partir do espaço privado da Escola. Este organizar ampliado se caracterizou, concomitantemente, por práticas estratégias e táticas, sendo predominantes aquelas do tipo tático.

Em relação às práticas do tipo táticas enfatizamos aquelas em que o gestor da Escola atua através de manobras ao jogar com os acontecimentos, transformando-os em ocasiões e intervindo nos espaços públicos, através da organização de práticas de segurança e de trabalhos sociais com os moradores da/de rua; e as práticas de negociações táticas com os comerciantes dos bairros

do Centro. Inference-se, portanto, nestas práticas, um “jeito”, estilos de ação, formas de uso ou estilos de uso, constituindo-se nestas astúcias um organizar que transcende o habitáculo da Escola.

Concomitantemente, estas práticas foram definidas como estratégias ao buscar uma visão macro de conjunto e servindo de base a uma organização das relações com uma exterioridade distinta à Escola. Enfatizamos que estas práticas de espaços denotam a atuação de um organizar ampliado, em práticas que não seriam, *a priori*, responsabilidades funcionais da Escola, mas que se tornaram estratégias ao contribuir, por exemplo, para a segurança e própria sobrevivência da Escola a partir de um controle social relativo as circunvizinhanças na rua da Escola. Estas práticas organizadoras de espaços instauraram um estilo de convivência, sendo identificadas como táticas em relação ao espaço da rua ao considerarmos a ausência de instituições de poder da segurança pública e estratégicas em relação à própria sobrevivência da Escola.

Contudo, relevamos a predominância das práticas do tipo táticas ao serem constantemente reafirmadas no dia a dia, dependendo de um tempo, de uma ocasião. A ênfase para as práticas do tipo táticas também se justifica quando repetimos junto a Mayol (2011) que a prática do bairro depende de um costume, ao ser este marcado pelo engajamento, pela arte de conviver cotidiano. E nesse



sentido, a Escola se engaja em um extenso tecido de proximidades e repetidas convivências no tempo e no espaço com os sujeitos presentes nos bairros circunvizinhos do Centro e da Praia de Iracema.

Em termos de avanços do conhecimento para a questão, teórica e prática, do “organizar ampliado”, infere-se que a Escola não chega a criar ou possuir um poder, ou a instituir espaços, ela apenas joga de forma astuciosa, dependendo das e criando as ocasiões no organizar de uma malha diversificada e sobreposta de práticas em suas diferentes circunvizinhanças. Não obstante suas estratégias de sobrevivência, as práticas organizadas pela Escola e o conjunto de sujeitos envolvidos a partir da rua e dos bairros se dão ao nível micro, configurando um jogo tático, conotando uma ordem transgressora em relação as institucionalidades públicas. Tem-se assim uma malha de práticas entre as de Segurança e de Trabalhos Sociais, as de Aprendizagem e Exposições Artísticas, as de Negociações de Compras e Fornecimento que se sobrepõem, imbricam-se e se desdobram, temporal e espacialmente, estendendo o tecido social de convivências nos bairros e mascarando as fronteiras do organizar ampliado a partir do habitáculo da Escola.

Relevamos, ainda, a contribuição dessa pesquisa para os Estudos Organizacionais ao propor uma discussão teórica e empírica que teve como fulcro os processos do

organizar enquanto campo aberto (*open field*), articulando as abordagens reunidas na assim chamada o retorno da teoria da prática (*practice turn*), propiciando uma base para a compreensão de uma ação expressiva e criativa. Destaca-se ainda a adequação dos métodos imagéticos através do uso de fotografias articulados à estratégia da etnografia de rua, vivenciada e exercida no reconhecimento das práticas espaciais nos cotidianos dos bairros da cidade.

Em termos de estudos futuros, uma série de questões interessantes emergiram do campo, mas nem todas se enquadravam no escopo de pesquisa inicialmente proposto, mas, que poderiam ser reunidas em uma agenda. Por exemplo. Por exemplo, a observação de algumas práticas originadas no habitáculo da Escola e nos espaços urbanos adjacentes que articulavam um movimento cultural mais amplo, envolvendo instituições e políticas públicas. Não foi possível estender o estudo para as dimensões tipo as práticas históricas e memoráveis tratadas por Certeau (2013) e suas relações com as práticas espaciais urbanas, ficando, portanto, esta sugestão de estudos futuros. Assim como, merece um maior aprofundamento as relações ampliadas que envolvem também os espaços virtuais e aprofundamentos dessas articulações entre Certeau e Foucault, sobretudo, nas discussões que tangenciam aspectos de poder. E ainda um aprofundamento das discussões, segundo Schatzki, relativas as questões da organização aberta e das fronteiras das práticas, nos pareceu uma promissora

questão de pesquisa. Por fim, observamos que se faz necessário compreender as questões críticas e conflitivas relativas as classes sociais, segundo uma abordagem marxista, e que emergiram insistentemente no nosso atuar no contexto urbano. Outros estudos pertinentes à discussão das práticas relacionando-os com abordagens tipo a estética espacial e ou a teoria ator-rede também se fariam apropriadas em vista das ênfases atribuídas às sensibilidades, materialidades e objetos no contexto urbano.

REFERÊNCIAS

Achutti, L. (2004). *Fotoetnografia da Biblioteca Jardim*. Porto Alegre: Tomo Editorial/UFRGS.

Barreira, I. A. F. (2007). Usos da cidade: conflitos simbólicos em torno da memória e imagem de um bairro. *Análise Social*, XLII(182), 163-180.

Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2002). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes.

Bell, E., & Davison, J. (2013). Visual management studies: empirical and theoretical approaches. *International Journal of Management Reviews*, 15(2), 167-184.



Botelho, T. R. (2005). Revitalização de centros urbanos no Brasil: uma análise comparativa das experiências de Vitória, Fortaleza e São Luís. *Eure*, XXX(93), 53-71.

Cavalcante, A. P. H. (2002). *Metodologia de previsão de viagens a pólo gerador de tráfego de uso misto: estudo de caso para a cidade de Fortaleza*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Carrieri, A. P., Murta, I. B. D., Mendonça, M. C. N., Maranhão, C. M. S. A., & Silva, A. R. L. (2008). Os espaços simbólicos e a construção de estratégias no Shopping Popular Oiapoque. *Cadernos EBAPE.BR*, 6(2), 1-13.

Carrieri, A. P., Perdigão, D. A., & Aguiar, A. R. C. (2014). A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. *Revista de Administração*, 49(4), 698-713.

Caufield, J. (1996). Visual sociology and sociological vision revisited. *The American Sociologist*, 27(3), 56-68.

Cavedon, N. R. (2003). *Antropologia para administradores*. Porto Alegre: UFRGS.

Certeau, M. (2013). *A invenção do cotidiano: morar; cozinhar*. Petrópolis: Vozes.



Certeau, M., Giard, L., & Mayol, P. (2011). *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.

Cooper, R. (1989). Modernism, postmodernism and organizational analysis: the contribution of Jacques Derrida. *Organization Studies*, 10(4), 479-502.

Cooper, R., & Burrell, G. (1988). Modernism, postmodernism and organizational analysis: an introduction. *Organization Studies*, 9(1) 91-112.

Corradi, G., Gherardi, S., & Verzelloni, L. (2010). Through the practice lens: where is the bandwagon of practice-based studies heading? *Management Learning*, 41(3), 265-283.

Dale, K., & Burrell, G. (2008). *The spaces of organisation & the organization of space: power, identity & materiality at work*. Basingstoke: Palgrave MacMillan.

Dellagnelo, E. L., & Machado-Da-Silva, C. L. (2000). Novas formas organizacionais: onde se encontram as evidências empíricas de ruptura com o modelo burocrático de organizações? *Organizações & Sociedade*, 7(19), 19-33.

Duarte, M. F. (2015). *Práticas de organizar na indústria criativa: a produção de um espetáculo de teatro musical em São Paulo - SP*. Tese de Doutorado, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, SP, Brasil.

Duarte, M. F.; Alcadipani, R. (2016). Contribuições do organizar (*organizing*) para os estudos organizacionais. *Organizações & Sociedade*, 23(76), 57-72.

Eckert, C., & Rocha, A. L. C. (2003). Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. *Iluminuras*, 4(7), 101-127.

Feldman, M. S., & Orlikowski, W. J. (2011). Theorizing practice and practicing theory. *Organization Science*, 22(5), 1240–1253.

Figueiredo, M. D., & Cavedon, N. R. (2012). O espaço organizacional e o espaço da cidade: as diversas formas de apropriação física e simbólica de um centro comercial em Porto Alegre. *Gestão e Sociedade*, 6(15), 227-253.

Fischer, T. (1997). A cidade como teia organizacional: inovações, continuidades e ressonâncias culturais. Salvador da Bahia, cidade puzzle. *Revista de Administração Pública*, 31(3), 74-88.

Florida, R. (2012). *The rise of the creative class – revisited*. New York: Basic Books.

Fontenele, S. S. (2014). *Transformações na área centro-portuária de Fortaleza. X Encontro Nacional da Anpur. Novas socialibilidades: cultura, diversidade e diversidade na produção do espaço*. Recuperado em 27 setembro 2014, de <http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/viewFile/2479/2449>.

Fortaleza Nobre. Recuperado em 10 setembro 2014, de <http://www.fortalezanobre.com.br/>

Ipiranga, A. S. R. (2010). A cultura da cidade e os seus espaços intermediários: os bares e os restaurantes. *Revista de Administração Mackenzie*, 11(1), 65-91.

Landry, C. (2000). *The creative city*. Londres: Earthscan Publications .

Leite-da-Silva, A. R. (2007). *As práticas sociais e o "fazer estratégia" um estudo dos comerciantes de hortifrutícolas no Mercado da Vila Rubim*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

Lemos, L., & Alcadipani, R. (2015). Por uma epistemologia das práticas organizacionais: a contribuição de Theodore Schatzki. *Organizações & Sociedade*, 22(72), 79-98.

Mayol, P. (2011) Primeira parte: morar. In M. Certeau, L. Giard, & P. Mayol. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes.

Nicolini, D., Gherardi, S., & Yanow, D. (2003). *Knowing in organizations: a practice-based approach*. New York: M. E. Sharpe.

Oliveira, J. S., & Cavedon, N. R. (2013). Micropolítica das práticas cotidianas: etnografando uma organização circense. *Revista de Administração de Empresas*, 53(2), 156-168.

Orlikowski, W. J. (2010). Engaging Practice in Research: Phenomenon, Perspective, and Philosophy. In D. Golsorkhi, L. Rouleau, D. Seidl, & Eero Vaara (Eds.). *The Cambridge Handbook on Strategy as Practice* (pp. 23-33). Cambridge: Cambridge University Press.

Peirano, M. (2006). *A teoria vivida e outros ensaios de antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar.



Rasche, A., & Chia, R. (2007). Strategy practices – what they are (not). In: Proceedings of 23nd European Group of Organization Studies International Colloquium, Bergen, Norway.

Reckwitz, A. (2002). Toward a theory of social practices: a development in culturalist theorizing. *European Journal of Social Theory*, 2(5), 243-263.

Santos, L. L. S., & Alcadipani, R. (2010). Por uma epistemologia das práticas administrativas: a contribuição de Theodore Schatzki. In *Anais do XXXIV Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Saraiva, L. A. S., & Carrieri, A. P. (2012). Organização-cidade: proposta de avanço conceitual a partir da análise de um caso. *Revista de Administração Pública*, 46(2), 547-557.

Schatzki, T. R. (2002), *The site of the social. A philosophical account of the constitution of social life and change*. University Park: The Pennsylvania State University Press.

Schatzki, T. R. (2006). On organizations as they happen. *Organization Studies*, 27(12), 1863-1873.



Schatzki, T. R., Cetina, K. K., & Savigny, E. V. (2001). *The practice turn in contemporary theory*. London: Routledge.

Schramm, S. M. O. (2001). *Território livre de Iracema: só o nome ficou? Memórias coletivas e a produção do espaço na Praia de Iracema*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil.

Spink, M. J. (2004). (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez.

O Organizar Ampliado de Práticas Cotidianas nos Bairros da Cidade

Resumo

Este estudo baseou-se no aporte teórico das práticas cotidianas de Michel de Certeau com o objetivo de compreender o organizar ampliado do cotidiano de uma Escola e Produtora de Fotografia. A Escola localiza-se nos limiares dos bairros Centro e Praia de Iracema da cidade de Fortaleza. A metodologia desenvolveu-se segundo uma inspiração etnográfica. Entre a Escola e os seus espaços apropriados nos bairros nos quais transita, foi identificada uma malha de práticas de circunvizinhança física, cultural e funcional. Estas práticas apropriaram espaços e construíram pontes entre as fronteiras legítimas dos espaços da Escola e as exterioridades estranhas da rua e dos bairros. Este transitar caracterizou um traço impreciso entre estas fronteiras, espaços mistos que se unem, através das passagens pelo outro, tornando contíguos os espaços públicos da rua e dos bairros a partir do espaço privado da Escola. Este organizar ampliado se caracterizou, concomitantemente, por práticas estratégicas e táticas, sendo predominantes aquelas do tipo tático.

Palavras-chave

Prática, Espaço, Bairros, Organizações, Cidade.



The Organizing Expanded of Living Practices in the City Neighborhoods

Abstract

This study is based on the theoretical framework of the everyday practices of Michel de Certeau in order to understand the organizing expanded of living practices of a School and Producer of Photography. The School is located on the outskirts of Center and Praia de Iracema neighborhoods in Fortaleza city. The methodology developed according to an ethnographic inspiration. Between the School and the neighborhoods spaces appropriated were identified a physical, cultural and functional mesh of practices. These practices appropriated spaces and built bridges between the legitimate boundaries of the School spaces and strange externals of the neighborhoods. This move marked an inaccurate trace between these borders, making contiguous public spaces of the street and neighborhoods from the private area of the School. This organizing expanded characterized, concurrently, by strategic and tactics practices, being predominant those of the tactical type.

Keywords

Practices, Space, Neighborhoods, Organizations, City.

La Organización Expandida de las Prácticas Cotidianas en los Barrios de la Ciudad

Resumen

Este estudio se basa en el marco teórico de las prácticas cotidianas de Michel de Certeau con el objetivo de comprender lo organizar expandido de lo cotidiano de una Escuela y Productor de la Fotografía. La Escuela se encuentra en los límites de los barrios Centro y Playa de Iracema en Fortaleza. La metodología desarrollada está de acuerdo con a inspiración etnográfica. Entre la Escuela y sus espacios asignados por los barrios en los que las transiciones, se identificó una malla de las prácticas de su entorno físico, culturales y funcionales. Estas prácticas se apropiaron de los espacios y puentes entre los límites legítimos de los espacios de la Escuela y extraños externos de la calle y de los barrios. Este movimiento marcó una huella imprecisa entre estas fronteras, de los espacios mixtos que se unen, a través de los pasajes por lo otro, haciendo contiguos los espacios de la calle y de los barrios por lo interior de la Escuela. Este cotidiano expandido caracteriza al mismo tiempo por las prácticas de tipo tácticas y estratégicas, sin embargo, es frecuente las prácticas del tipo táctico.

Palabras clave

Prácticas, El espacio, Barrios, Organizaciones, Ciudad.



Autoria

Simony Rodrigues Marins

Mestre em Administração pela Universidade Estadual do Ceará.

<http://lattes.cnpq.br/7822187597252616>. orcid.org/0000-0003-3881-1194. E-mail:

simonymarins@gmail.com.

Ana Silvia Rocha Ipiranga

Doutora em Psicologia do Trabalho e da organização pela Università Degli Studi

Di Bologna. Professora Associada da Universidade Estadual do Ceará.

<http://lattes.cnpq.br/7617623719171750>. orcid.org/0000-0001-8095-6800. E-mail:

anasilsiaipi@uol.com.br.

Endereço para correspondência

Simony Rodrigues Marins. Rua das Gaivotas, 653, ap. 104, Condomínio Portal do

Imbui, Salvador, BA, Brasil. CEP: 41720-070. Telefone: (+55 21) 988327036.

Como citar esta contribuição

Marins, S. R., & Ipiranga, A. S. R. (2017). O organizar ampliado de práticas cotidianas nos bairros da cidade. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 4(9), 148-204.

Contribuição submetida em 21 jan. 2016. Última versão recebida em 22 set. 2016. Aprovada em 22 set. 2016. Publicada online em 24 ago. 2017. Sistema de avaliação: double blind review. Avaliação sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editor: Luiz Alex Silva Saraiva.

FAROL

REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

NÚCLEO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE | FACE / UFMG | BELO HORIZONTE | V. 4 | N. 9 | ABRIL | 2017 | ISSN: 2358-6311